

Padre Roque González: entre a história e a hagiografia

Paulo Rogério Melo de Oliveira¹

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i23.28679

Resumo: O artigo interpreta as biografias/hagiografias escritas em homenagem e em prol da beatificação e santificação do padre Roque González de Santa Cruz, na primeira metade do século XX. As obras, escritas por jesuítas historiadores, situam-se numa fronteira difusa entre a história e a hagiografia. Num misto de ciência e fé, combinam a devoção ao missionário candidato a santo com os postulados da história científica e objetiva do século XIX.

Palavras-chave: Hagiografia; biografia; Roque González; história.

Padre Roque González: entre la historia y lahagiografía

Sumario: En el artículo se interpreta las biografías / hagiografías escritas en honor y por la causa de beatificación y santificación del Padre Roque González de Santa Cruz, en la primera mitad del siglo XX. Las obras, escritas por historiadores jesuitas, están situados en una frontera difusa entre la historia y lahagiografía. Una mezcla de ciencia y fe, se combinan la devoción al candidato santo misionero con los postulados de la historia científica y objetiva del siglo XIX.

Palabras clave: hagiografía; biografía; Roque González; historia.

Father Roque Gonzalez: between history and hagiography

Resume: The article looks at the biographies / hagiographies written in honor and for the sake of beatification and sanctification of Father Roque González of Santa Cruz, in the first half of the twentieth century. The works, written by historians Jesuits, are located in a diffuse border between history and hagiography. A mixture of science and faith combine devotion to the holy missionary candidate with the postulates of scientific and objective history of the nineteenth century.

Keywords: hagiography; biography; Roque González; history.

Recebido em 28/07/2015 - Aprovado em 18/09/2015

¹ Doutor em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do mestrado de políticas públicas e dos cursos de história e relações internacionais da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Email: paulo_rmo@hotmail.com

Roque González, missionário *criollo* da Companhia de Jesus que atuou nas reduções do Paraguai entre 1610 e 1628, cultivou uma vida apostólica reconhecida pelos seus pares e biógrafos como heroica e exemplar. Uma vida virtuosa e casta, inteiramente dedicada a Deus, que foi coroada pelo “glorioso martírio”. Roque foi morto em 15 de novembro de 1628 na redução de Caaró, a golpes de *itaíça*, a mando do cacique e pajé Ñezú (OLIVEIRA 2010)². Sua trajetória, no entanto, não foi encerrada com a morte trágica. A vida e a morte do padre foram alvo do interesse de dezenas de historiadores, escritores e hagiógrafos de dentro e de fora da Companhia de Jesus. Nestas obras destacam-se comumente as virtudes apostólicas do padre, a vida dedicada a Jesus e ao próximo, o zelo espiritual, os trabalhos incansáveis e a morte ditosa. Em geral, essas obras foram escritas em favor da beatificação e santificação ou em datas comemorativas ligadas a sua figura. Na volumosa bibliografia, destaco as obras de Carlos Teschauer, José María Blanco e Gonzaga Jaeger, por serem as mais significativas. Esses autores mesclaram eficientemente duas formas narrativas, a história e a hagiografia.

À primeira vista, se nos deixarmos levar pelas narrativas legendárias, somos levados a crer que a vida e a morte de Roque González foram escritas antes do seu nascimento. Os episódios que pontuam sua existência e o desfecho trágico em Caaró parecem ter seguido o roteiro de uma hagiografia feita sob encomenda. Ou talvez fosse melhor dizer que sua vida e morte foram narradas dentro de um esquema narrativo, ou um molde hagiográfico, já existente. Seja como for, todos os ingredientes estão ali: nascimento nobre e infância casta, adolescência pura e dedicada a deus, retiros espirituais no “deserto”, recusa de honrarias e confortos, trabalhos apostólicos realizados heroicamente, uma vida cultivada com as mais nobres virtudes, uma legião de inimigos diabólicos e uma morte coroada pela graça do martírio em defesa unicamente da fé e da salvação do próximo. O coração, que sobreviveu às chamas e falou ternamente aos inimigos da fé e se manteve incorruptível pelos séculos afora, viria dar o tom sobrenatural, maravilhoso, tão ao gosto da devoção popular. Com uma trajetória como essa não lhe faltariam dedicados hagiógrafos.

Hagiografia, do grego *hagios* = santo e *grafia* = escrita, é um gênero literário devocional que se consolidou no mundo cristão entre os séculos V e VIII. Embora somente no século XI a expressão tenha adquirido a grafia e o sentido que empregamos hoje, ela designa genericamente uma variada literatura dedicada aos santos que em outros tempos recebeu várias denominações: vidas, atas, martirológios, tratados de milagres, etc. Num campo tão vasto, que abarca séculos e séculos, não se pode perder de vista o alerta do bolandista Hippolyte Delehaye sobre o uso indiscriminado do termo: rigorosamente, hagiografia só pode ser empregada para indicar os escritos inspirados pela devoção aos santos e que se propõem a promover o seu desenvolvimento (DELEHAYE 1962). Esse é o sentido da hagiografia – o culto e a promoção dos santos -, inalterado desde o seu

² O artigo é um desdobramento da minha tese de doutorado defendida em 2010 (OLIVEIRA, 2010). Sobre a morte de Roque González ver também (OLIVEIRA, 2011).

surgimento. Daí Michel de Certeau tê-la chamado de “um tûmulo tautolûgico” (DE CERTEAU 1982, p. 266).

A forma literária da hagiografia teve como precedente as “atas de martûrio”, que narravam os ûltimos dias de vida dos mûrtires cristûos perseguidos pelos romanos nos sêculos II e III. O relato mais antigo que se tem notícia é o “Martûrio de sâo Policarpo” narrado numa carta da comunidade de Esmirna à igreja de Filomêlio, datada provavelmente de 156. Posteriormente o gênero absorveu progressivamente as vitæ de santos confessores, como a Vita Polycarpi, publicada em 400. O autor, que se passou pelo presbûtero Piônio, com o “intuito de completar a antiga descrição do “martûrio” de Policarpo”, envolveu a carta de Esmirna em narrativas lendárias sobre o santo (ALTANER, 1972, pp. 61-62). No sêculo XIII as vidas de santos foram popularizadas na Europa cristâ por meio de obras de grande difusûo popular como as de Gonzalo de Berceo e Jacopo de Varazze. A obra do clêrigo secular e poeta Gonzalo de Berceo, afastando-se dos tratados cultos de teologia, tinha por finalidade divulgar as vidas e os exemplos dos santos para o maior nûmero de pessoas. Por isso, ao invê do latim, atê entûo o idioma dos relatos hagiogrâficos, Berceo compûs sua obra em castelhano.³ A obra do teûlogo dominicano Jacopo de Varazze se destaca na vasta literatura hagiogrâfica pela extraordinária popularidade e difusûo desde a segunda metade do sêculo XII. A Legenda Áurea, considerado o mais importante exemplar da hagiografia medieval, foi composta para servir de leitura devocional solitâria e como obra de consulta para auxiliar os frades nos sermûes, de modo a tornâ-los mais eficientes. Reunindo biografias de 153 santos, Jacopo pretendia disseminar valores morais edificantes e atrair um maior nûmero de fiêis para a Igreja Catûlica.⁴

Os textos hagiogrâficos, na definiçûo precisa de Hippolyte Delehaye, devem ter carâter religioso e visar à edificaçûo (DELEHAYE, 1962). Ao mesmo tempo em que propagam os valores cultivados pela igreja, oferecendo modelos exemplares e normativos, erguem um monumento ao santo. Mas assim como a santidade nûo é um valor imutável, com contornos definitivos, a hagiografia nûo é um gênero estâtico. As narrativas das vidas de santos e mûrtires nunca abandonaram seu carâter pedagûgico, edificante e propagandístico, mas ajustaram-se às circunstâncias históricas, às novas sensibilidades e demandas populares e as exigências cada vez mais rigorosas para o reconhecimento da santidade. No sêculo XVII, perûodo em que a expressûo se popularizou, as hagiografias assumiram uma forma mais crítica com Jean Bolland e a

³Sobre Gonzalo de Berceo ver os excelentes estudos de (BAÑOS VALLEJO; SAUGNIEUX; ALVAR) Os textos estûo disponûveis na “Biblioteca Gonzalo de Berceo”, disponûvel em www.vallenajerilla.com/berceointernet/. Ver também MenéndezPelaez. O autor fez uma leitura inovadora de Berceo, e observou que: “Lo más significativo de la obra de Berceo es el estar escrita para el pueblo. Es un escritor popular. Es un vulgarizador. No crea, sino divulga y explica con clara intencionalidad catequética o propagandística. Y ¿qué es lo que divulga? Una dogmática, una moral y una liturgia.” (MENÉNDEZ PELAEZ, 1981).

⁴Jacopo compilou uma variedade de relatos de tempos e lugares distintos, da antiguidade tardia ao sêculo XIII, sobre martûrios, milagres e toda sorte de informaçûes sobre os santos, anacoretas, monges e confessores. O material recolhido vinha de fontes eruditas, de textos apûcrifos e da tradiçûo oral (SOUZA, 2002; JÚNIOR, In: JACOPO DE VARAZZE, 2003).

Sociedade Bollandista. As influências do humanismo e as guerras religiosas e teológicas contra os protestantes são apontadas como movimentos inspiradores desta virada crítica dos textos hagiográficos. O humanismo despertou para a importância da antiguidade como legitimadora da fé. Recorria-se por isso ao método histórico-filológico e a busca de fontes e manuscritos antigos nas bibliotecas (MALDONADO, 1999, pp. 525-533). Os ataques protestantes às práticas extra-bíblicas católicas, como o culto aos mártires e aos santos, colocou o repertório hagiográfico sob fogo cerrado. As críticas aos valores e condutas da igreja católica naquele contexto levaram os protestantes a buscar no passado distante do cristianismo, ainda não contaminado pelos desvios da igreja, os fundamentos legítimos para demonstrar a artificialidade das práticas católicas. O passado histórico assumia um papel central nas polêmicas e as batalha das reformas se projetavam para os séculos iniciais do cristianismo. Como resposta, os católicos também recorreram à história para justificar suas práticas. Pretendiam por meio da história factual confirmar a hierarquia e a autoridade papal, alvo dos ataques protestantes, e comprovar as origens bíblicas de suas doutrinas. Aos olhos dos católicos, a autoridade da igreja e o culto aos mártires na antiguidade tardia tinham raízes apostólicas (MALDONADO, 1999). O passado, portanto, autorizava a veneração aos santos. Recorrendo aos documentos antigos desses “tempos heroicos” do cristianismo, os católicos reentronizaram seus mártires e heróis, verdadeiro exército sobrenatural na luta contra a heresia protestante.

Sob essas circunstâncias adversas, e diante das novas exigências de comprovação, a literatura hagiográfica afastou-se progressivamente do terreno das lendas e aproximou-se da crônica histórica. Os trabalhos da denominada “escola bollandista” e do jesuíta E. Rosweyde, introdutor da crítica no campo da hagiografia, foram os responsáveis por esta virada crítica do gênero. Procurando sistematizar todos os documentos referentes ao culto aos santos, jesuítas como Jean Bolland, G. Henskens, D. Papebroch, entre outros, se lançaram à edição crítica e classificação dos registros de martírios. Os trabalhos de recolha, organização e publicação dos manuscritos antigos acabaram dando origem a *Acta sanctorum*, coletânea que examina criticamente a vida dos santos, publicada em 1643 pelos jesuítas Bolland e Henskens. Os bollandistas entendiam a hagiografia como a ciência da vida dos santos, e submeteram as *Leyendas medievais* aos rigores da “exatidão histórica”. Operava-se com as hagiografias críticas uma “passagem discreta da verdade dogmática para uma verdade histórica (...)” (DE CERTEAU, 1982, p. 268).

Na chamada época moderna o santo, que ocupavam um lugar central na cristandade, foi convertido no herói dominante, venerado, admirado e proposto como ideal humano (EGIDO, 2000). Tão importante quanto os santos eram também as narrativas de suas vidas, lidas e imitadas pelos fieis. É conhecida a emblemática transformação de Inácio de Loyola depois da batalha de Pamplona, enquanto se recuperava dos estragos da bala de canhão que atingiu gravemente suas pernas. Privado da literatura cavaleiresca que costumava ler, teve que se contentar com a Vida de Cristo, do cartuxo Ludolfo da Saxônia, e um livro sobre a Vida dos Santos, o *Flos Sanctorum*,

uma tradução da Legenda Áurea, de Jacopo de Varazze.⁵ “Lendo-os muitas vezes, conta Inácio na sua Autobiografia, algum tanto ia-se afeiçoando ao que ali estava escrito (...) Porque, lendo a vida de Nosso Senhor e dos Santos, parava a pensar, raciocinando consigo: ‘E se realizasse isto que fez S. Francisco? E isto que fez S. Domingos?’” (LOYOLA, 1978, p. 22-23).

As hagiografias medievais exerceram enorme influência não apenas no fundador, mas na disposição da Companhia para exercer o apostolado no mundo. As leituras sobre a vida de Cristo e a vida heroica dos santos, atizadas pelas provocações e ataques dos protestantes, predispunham os jesuítas a enfrentarem heroicamente os desafios. Ainda no século XVI apareceram os primeiros textos hagiográficos da própria Companhia, para homenagear os seus próprios “mártires” e heróis.⁶

Esta interpretação heroica do mundo que entrelaçava santidade e martírio, e cultivava o desejo mimético de imitação da vida dos santos, estava impressa no espírito da Companhia e dos jesuítas que atravessaram o mar para converter os gentios americanos. Na bagagem dos missionários vinham as narrativas legendárias dos santos.

Transportada para a América a literatura hagiográfica encontrou fértil terreno para florescer. Missionários de vários países se lançaram à conversão dos povos indígenas enfrentando enormes dificuldades como a fome, o frio, os longos e perigosos percursos, o risco de morte e os “martírios”. Essas façanhas, elevadas ao heroísmo, foram narradas com entusiasmo pelos seus pares, e vários missionários, especialmente entre os jesuítas, foram celebrados como santos. Mas apesar dos esforços sobre-humanos, e se considerarmos a extensão dos trabalhos missionários e os numerosos casos de “martírios”, poucos foram os santos americanos reconhecidos pelo Vaticano. A busca pelo reconhecimento dos santos, como no caso emblemático de Roque González, emprestou uma especificidade às hagiografias compostas na América: enquanto na Europa elas narram e divulgam, em grande parte, as vidas de santos reconhecidos, na América elas são compostas, na imensa maioria, visando à santificação.

As hagiografias dedicadas a Roque González são herdeiras da tradição bollandista inaugurada no século XVII e da história científica do século XX. Situam-se numa fronteira difusa entre a história e a hagiografia. Ora realça-se o homem, o sujeito histórico, o missionário dos tempos coloniais, ora o predestinado, o mártir que virou santo. Mas o que predomina é uma fusão dos dois gêneros. As narrativas históricas, centradas em documentos, que mostram as atividades do padre Roque num contexto colonial, são revestidas de uma aura de santidade e predestinação. História e hagiografia são integradas num esforço combinado para revelar a vida e a obra do homem que trazia dentro de si o santo. Os jesuítas historiadores Carlos Teschauer, José Maria Blanco e

⁵ A Legenda Áurea é uma coletânea de vidas de santos reunidas por Jacopo de Varazze no século XIII. Por volta de 1470 apareceram traduções na Espanha, chamadas de *Flos Sanctorum*, em que foram acrescentadas as vidas de outros santos que não aparecem na versão original de Jacopo de Varazze (EGIDO, 2000, p. 62-62).

⁶ No final do século XVI o jesuíta Pedro de Ribadeneira publicou o seu *Flos Sanctorum*, competindo com a obra homônima de Alonso de Villegas, que circulava na Espanha desde 1585 (EGIDO, 2000).

Gonzaga Jaeger fundiram os dois gêneros narrativos para produzir, ao mesmo tempo, um efeito de realidade, de veracidade, e outro de glorificação e devoção. Suas obras são hagiografias travestidas de história, com pretensão científica. A estrutura narrativa e a intenção são hagiográficas, mas a legitimidade é dada pela história. A história fornece os recursos de retorno ao passado, de leitura da documentação e a comprovação do que se diz; a hagiografia, por sua vez, trabalha sobre a matéria fornecida pela história para erguer um monumento ao santo. Todas as obras foram escritas antes da canonização. De lá para cá nada de significativo foi escrito tendo como personagem central o padre Roque. Conquistada a canonização, as penas descansam para dar lugar à adoração.

Michel de Certeau explorou essa proximidade dos dois discursos e situou a hagiografia na “extremidade da historiografia”, “como sua tentação e sua traição” (DE CERTEAU, 1982, p. 266). A tentadora vizinhança, e o uso conjugado dos dois discursos, acrescentaria, produzem um duplo efeito: ao mesmo tempo em que afasta a hagiografia do terreno das lendas, empurra a história para o elogio e glorificação do santo.

O Modelo Narrativo

A literatura hagiográfica, embora obedeça a uma estrutura narrativa que confere certa unidade ao gênero, não segue uma linha uniforme. Existem variações e tonalidades próprias de cada tempo e lugar. Determinadas circunstâncias sociais e políticas agem e interagem com o texto hagiográfico, acrescentando elementos novos. Mesmo seguindo um modelo europeu, as hagiografias escritas na América, e me refiro as do padre Roque, trazem algumas particularidades que lhes conferem certa originalidade. Mas se existem elementos variáveis, existe também uma estrutura constante e arquetípica nestas narrativas que muito pouco se altera. As hagiografias dedicadas ao padre Roque, se observarmos a forma, seguem de perto os modelos narrativos das vidas dos santos, reproduzindo as mesmas fórmulas e a mesma ordenação dos temas. Examinadas a partir do seu contexto histórico e regional, não é difícil perceber uma sintaxe peculiar e algumas variações temáticas.

Canonicamente, a trajetória do padre Roque segue uma narrativa básica que foi fixada, até onde pude identificar, por Juan Bautista Ferrufino, na carta/relatório que enviou ao rei de Espanha dando informações sobre a morte do padre Roque.⁷ Ferrufino, que à época ocupava o cargo de Procurador Geral da Província Jesuítica do Paraguai, elaborou uma narrativa detalhada e cuidadosa, conforme cabia a sua função e responsabilidade e a quem seria endereçada. É o primeiro documento elaborado sobre o padre Roque que reúne informações desde o nascimento até a morte, distribuídas numa ordem tipicamente hagiográfica. O esquema narrativo elaborado por Ferrufino trazia os

⁷Juan Bautista Ferrufino era Procurador Geral da Província Jesuítica do Paraguai quando da morte de Roque González. Escreveu uma longa carta ao rei de Espanha, na forma de um relatório, explicando as circunstâncias da morte dos missionários. Embora os hagiógrafos de Roque sigam sempre o mesmo modelo, nem todos leram a carta de Ferrufino. O procurador escreveu a carta ao rei seguindo nitidamente os modelos narrativos das vidas dos santos. Os hagiógrafos, posteriormente, fizeram o mesmo. A carta/relatório de Ferrufino é uma pequena hagiografia, escrita visando a santificação do padre Roque (In: BLANCO, 1929).

componentes infalíveis para uma boa hagiografia: nascimento nobre, infância iluminada pelas “luzes de lagracia”, uma vida casta e virtuosa, uma entrega heroica ao apostolado, enfrentamento dos inimigos da fé, uma morte exemplar e um milagre testemunhado. Para a felicidade dos historiadores/hagiógrafos, na melhor tradição bollandista, tudo isto estava devidamente documentado. Neste sentido, o trabalho dos companheiros de Roque após sua morte foi impecável tanto na condução dos processos como na organização dos documentos.

Da extensa documentação, alguns episódios da vida do padre Roque são muito valorizados, ao passo que outros são obliterados. As informações que podem depor contra a “fama de santidade” são desabonadas. Roque González, por exemplo, não tinha muita paciência com os novatos, e custava-lhe ensinar-lhes a língua dos índios. As queixas dos companheiros chegaram aos ouvidos do padre Geral Mucio Vitelleschi, que escreveu, nos seguintes termos, ao padre Provincial exigindo uma advertência ao missionário:

Muito grande língua me dizem ser o P. Roque González, que está no Paraguai, mas como o jeito dele não é pacífico e porque anda com escrúpulos, seus companheiros não acham muito gosto; aviso isso a Vossa Reverência, para que lhe procure duas coisas: uma, que se esforce por tratar com mais suavidade e amabilidade as pessoas; outra, que com a mesma ensine a língua a seus companheiros, fazendo-lhe ver o muito que assim servirá à Divina Majestade cooperando com esse meio para o bem espiritual dessas almas (DUARTE; STORNI; MELIÁ, 1978, p. 73).

Os padres José María Blanco e Luiz Gonzaga Jaeger não omitiram este detalhe sombrio da personalidade de Roque. O episódio, no entanto, foi citado como uma estranha e injustificável mancha na sua ilibada reputação. Blanco declarou-se admirado, para não dizer indignado, com as “amonestaciones” do padre geral feitas ao padre Roque. Disse não encontrar em toda a documentação um único resquício que justificasse jogarem na cara (“echáseleen cara esosdefectos”) do virtuoso missionário estes defeitos. Blanco questionou a veracidade das queixas e o exagero da advertência (BLANCO, 1929, p. 81). Jaeger examinou essa passagem “relativa ao caráter do beato padre Roque, cuja solução exige a integridade biográfica dos nossos heróis”. A “advertência” remetida ao provincial, para emendar padre Roque, “homem que até agora se nos apresentou sempre como gigante de santidade, grande em todas as virtudes”, diz Jaeger, “não deixa de causar estranheza”. Essa, no entanto, “é a única passagem em toda a documentação que chegou até nós que parece deslustrar um pouco o brilho de sua figura”. Mas apenas “perece”, adverte Jaeger, “porque no processo de beatificação, o Promotor Geral da Fé, cujo ofício é examinar, criticar e atacar com implacável rigor todos os pontos vulneráveis do

candidato às honras dos altares”, não tomou conhecimento da advertência.⁸ A explicação, ou a “solução”, encontrada para encerrar o estranho incidente na biografia do herói é simples: um mal entendido. Algum missionário novato, “ardente estudioso do guarani”, ao procurar padre Roque para lhe socorrer com as dificuldades da língua, pode não ter encontrado a melhor disposição do atarefadíssimo mestre. Descontente e precipitado, o “discípulo” teria escrito uma carta ao padre Vitelleschi (JAEGER, 1940, pp. 139-140). Mas os atentos hagiógrafos se apressaram em desfazer o engano e devolver ao herói a reputação imaculada. Afinal, generosidade e paciência, segundo os critérios de santidade, são virtudes indispensáveis ao candidato a santo.

Os hagiógrafos do padre Roque destacam sempre o nascimento numa família nobre e devota de Assunção, a infância pura e voltada a Deus, o sacerdócio e a recusa de honras, a entrada na Companhia de Jesus, o noviciado e o batismo de fogo entre os temidos guaicurus, o apostolado bem sucedido no Paraná, a entrada heroica no desconhecido Uruguai, o “glorioso mártir” e o “milagre” do coração. De um autor para outro o que muda é a ênfase colocada num ou noutro episódio e a carga de adjetivos e adereços que marcam as etapas da vida do “mártir”.

Os três hagiógrafos/historiadores jesuítas que analisaremos a seguir – Carlos Teschauer, José María Blanco e Luiz Gonzaga Jaeger – militavam em prol da canonização de Roque González. Ao mesmo tempo que destacam o heroísmo, as virtudes e a santidade precoce do padre Roque, emitem juízos bastante depreciativos sobre os indígenas, especialmente aqueles identificados como os responsáveis pela morte de Roque e seus companheiros. Todavia, não é do nosso interesse neste momento examinarmos tais juízos.⁹

O Primeiro Apóstolo do Rio Grande do Sul: Roque González, segundo Carlos Teschauer

Carlos Teschauer publicou em 1909 a primeira obra dedicada exclusivamente ao padre Roque, intitulada “Vida e Obras do Primeiro Apóstolo do Rio Grande do Sul”. Teschauer era sócio, membro ativo do IHGRS. O historiador sempre foi celebrado pelos seus companheiros de fé e de ofício como “o historiador do Rio Grande”. O historiador jesuíta Arthur Rabuske, também membro do IHGRS, o apontou como o maior historiador e o fundador da história científica no Rio Grande do Sul (RABUSKE, 2002). Para Luiz Gonzaga Jaeger, Teschauer foi o jesuíta que mais “contribuiu para aumentar a estima da Companhia de Jesus entre o mundo intelectual brasileiro, durante

⁸Jaeger lembra que padre Blanco, no seu depoimento em 1929 em Buenos Aires, mencionou expressamente a existência desse documento (JAEGER, 1940, p. 139).

⁹Em várias passagens das obras apresentadas ao longo do artigo aparecem adjetivos como “pobrezinhos”, “selvagens” e “bandidos”, para caracterizar os indígenas. São expressões de uso comum nas narrativas jesuítas, especialmente nas obras dos historiadores/hagiógrafos aqui estudadas. Neste momento, considerando o tema em destaque e o limite de páginas do artigo, não nos ocuparemos deste assunto.

os três primeiros decênios do século XX. Batalhou pela justiça e pela verdade no campo da história nacional” (IHU *online*, 2002).

O Roque González de Teschauer foi um “varão apostólico” de múltiplas façanhas: foi “protomartyr e apóstolo do Rio Grande do Sul e o fundador dos Sete Povos das Missões”. Apesar da importância que teve, reclama o padre historiador:

ainda não existe monographia sobre homem tão benemerito de nossa civilização. Exigia, portanto, imperiosamente a história, não menos que a gratidão dos posterios, fosse enfim tirada das sombras do esquecimento a sagrada memória de quem tanto fez pela religião e pela pátria (TESCHAUER, 1928).

É assim, como herói da fé e da civilização, que Teschauer apresenta Roque González. Apesar do regionalismo sobressalente que atravessa a obra de ponta a ponta, Teschauer não nasceu no Rio Grande do Sul. Sua cidade natal era Birnstein, de onde saiu por força da Kulturkampf de Bismarck, que proibia a presença de jesuítas na Alemanha. Chegou a Porto Alegre já com 29 anos, em 1880 (RABUSKE, 2002).

A obra, ora chamada de “monographia”, ora de “biographia”, não teve o objetivo declarado, como teve a obra de José Maria Blanco, de militar pela causa da beatificação. Em vários estudos e pesquisas sobre história do Brasil e dos Sete Povos das Missões, o autor diz ter tropeçado diversas vezes no nome de Roque González. O aprofundamento das pesquisas revelou que o “santo sacerdote”, de acordo com Teschauer, teve um papel saliente na “christianização pátria”. As “notícias sobre sua vida”, no entanto, andavam espalhadas e dispersas em documentos inéditos e em diversas obras raras. Foi essa dupla constatação – a importância de Roque para a “historia primitiva” do Rio Grande do Sul e a ausência de um estudo de fôlego sobre sua vida e obras – que levou o historiador a escrever sua “biographia”. “Vida e Obras do Padre Roque González” pode ser visto muito mais como um monumento em homenagem à memória do padre Roque do que um testemunho de santidade em prol da beatificação. É claro que uma obra em homenagem ao candidato a santo contribui muito para o reconhecimento de sua santidade, e o prefácio não deixa dúvidas de que a “monographia” pretendia demonstrar a santidade de Roque, cujas “obras estupendas” a atestam. O recado de Teschauer ao leitor reforça essa ideia: “ninguém, ao percorrer esta monographia, creio eu, duvidará de quanto sejam solidas e sublimes as virtudes do protomartyr e apóstolo do Rio Grande do Sul” (TESCHAUER, 1928). As reedições da obra em 1925 e em 1928, as vésperas do terceiro centenário do “martírio”, são indicativas do seu caráter e valor hagiográfico, isto é, de devoção e promoção da santidade de Roque González. Mas isso, ao que parece não, foi a razão principal da empreitada.

A obra inicia com um arrazoado histórico sobre a conquista e ocupação do Rio da Prata, com destaque para o Rio Grande do Sul. Teschauer liga, a começar pelo título da obra, o apostolado de Roque González às origens da civilização rio-grandense. Em meia

dúzia de páginas passa em revista as personagens que, de alguma maneira, contribuíram para o descobrimento e ocupação do Rio Grande. Depois de fixar este pano de fundo histórico, que confere credibilidade e legitimidade ao relato hagiográfico, Teschauer passa a “narrar a vida do infatigável apóstolo que primeiro regou, como suor e sangue, campo tão afamado, dando igualmente nova orientação a toda a actividade missioneira na America do Sul”.

“Alma de eleição”: da infância casta ao apostolado entre os índios

O destino heroico e dedicado àsalvação das almas do padre Roque, segundo Teschauer, manifestou-se ainda cedo, na tenra e delicada infância. Os sinais da graça, visíveis na pureza e na entrega a Deus, não tardaram a aparecer e a diferenciar o menino Roque dos amigos e do meio que o cercavam. Nasceu numa das mais “conspíquas famílias” de Assunção e herdou dos pais a “nobreza de sangue e a piedade e inteireza dos costumes. Em meio a dissolução e desenvoltura dos costumes”, típicos de um meio colonial bárbaro, Roque era um verdadeiro “prodígio”. Seu passatempo predileto era “estar na presença do seu Deus”. Quando chegou à juventude e à “puberdade, recatou a virtude” e conservou a “innocencia baptismal”. Um incidente de infância revelaria prematuramente o caminho e ser seguido no futuro. Quando tinha doze anos deixou secretamente a casa dos pais com dois “condiscípulos e amigos” e embrenhou-se num “deserto” a quinze léguas de distância. Quando os pais o encontraram, estava refugiado numa densa mata lendo vidas de santos com seus amigos. Perguntado sobre o porquê de ter abandonado a casa, respondeu que “queria servir a N. Senhor e apartar-se dos perigos do mundo; e contra a vontade e só a instancias dos Paes voltou para o lar paterno. Dali em diante”, conclui Teschauer, “vivía sómente para os exercícios da religião na igreja e aos estudos e seus livros no seu pequeno e pobre quarto”. A “modestia e gravidade” do menino impressionavam a todos, “tal que ninguém em sua presença usava de uma palavra menos honesta ou indecorosa”. Com tais virtudes, Roque não nascera para este mundo. O menino já trazia dentro de si o mártir, o santo: “alma de eleição, favorecida com taes bênçãos do céo, não era para o mundo” (TESCHAUER, 1928, p. 18). Padre Teschauer perfila os eventos da infância de Roque González numa cadeia de causalidade cujo fim já se conhece.

Ordenado sacerdote, decidiu-se por exercer o sacerdócio entre os “índios de Maracajú”, manifestando “seu coração de apóstolo”. Doutrinou e “pregou” entre esses índios durante “diversos annos (...) convertendo muitos e deixando de si memória santa que ainda depois de sua morte se conservava”. Depois desse período na serra de Maracajú Roque retornou à sua comunidade. Nos anos seguintes foi “parrocho da cathedral de Assumpção”. Uma solicitação do bispo diocesano de Assunção para que Roque aceitasse a função de vigário geral apressou sua entrada na ordem dos jesuítas. Esse episódio é narrado como um exemplo de modéstia e recusa das honras que poderia receber na carreira sacerdotal: “Renunciando ás lisonjas e honras do mundo”, como quer Teschauer, “(...) apresentou-se como candidato á Companhia de Jesus no ano de 1609”. Roque contava a esta altura com quarenta anos de idade, e há “muito tempo que

seus pensamentos e poucos dias que passos o encaminharam para a porta do collegio dos jesuítas”.Na Companhia, ao lado “daquella phalange de heroes que (...) já começava a encher a America com o renome de seus commettimentos mais que humanos” (TESCHAUER, 1928, p, 20), Roque enfrentaria o seu primeiro grande desafio: a missão entre os guaicuru. Era a prova de fogo de padre Roque. E os obstáculos eram enormes: a dificuldade da língua, a desconfiança de que estavam a serviço dos espanhóis, os “costumes da gentildade, que mortificavam os servos de Deus” e a dificuldade de fazê-los compreender a doutrina. Mas a providência não abandonaria seus fieis servidores. Quando parecia que falavam a “surdos” e malhavam em “ferro frio, veio-lhes então o céu em auxílio”. Um surto de peste abateu-se “naquella comarca, victimando os corpos”, o que para muitas “almas foi ocasião de salvação”.Padre Roque e seu companheiro dividiram os trabalhos atuando como “médicos improvisados”, sangrando os doentes, e “enfermeiros solícitos”, abastecendo os doentes com lenha e comida, chegando a dar a própria roupa para cobrir os enfermos (TESCHAUER, 1928, p. 23-25).

A missão durou quase dois anos, não rendeu os frutos esperados, mas, conclui Teschauer, serviu como prelúdio “às emprezas gloriosas que depois emprenhenderia”. Depois dos esforços em prol da pacificação dos guaicuru, Roque recebeu do Provincial a incumbência de se dirigir as missões do Paraná, onde o seu gênio apostólico e enorme capacidade de trabalho se manifestaram. Quando chegou a Ignácio-Guaçu em 1612 encontrou o povoado assolado “por dois flagellos: a fome e a varíola”.Depois de uma colheita abundante e da melhoria do estado sanitário, Roque “mandou transferir a aldeia para local mais commodoe arejado”. Da planta que fez para a nova povoação nasceu o modelo que foi seguido “em todos os povos jesuíticos”. Três anos depois foi enviado para outra difícil missão. “Os neophytos de S. Ignácio viviam em continuo sobresalto, por causa dos selvagens indomitos do Paraná inferior”. Esses “selvagens” votavam um “ódio” tão grande “aos christãos que parecia ser obra de indios apostatas e transfugas das missões”. Padre Lorenzana tentou uma aproximação, mas a tarefa de “annunciar-lhes o evangelho estava reservada ao nosso heroico dezprezador de perigos e mestre exímio no trato com os indígenas”. Levando apenas uma cruz e um quadro da Virgem Conquistadora, “emprenhendeu a conquista espiritual daquella região em que as armas hespanholas debalde procuraram penetrar” (TESCHAUER, 1928, p. 27-34).

Teschauer explora com habilidade as situações de perigo enfrentadas por Roque González. O triunfo sobre as dificuldades, o desprezo pelos castigos que os trabalhos missionários impõem ao corpo e o destemor da morte, são virtudes que o acompanharam em toda sua vida apostólica. Cada situação de perigo enfrentada é uma oportunidade de celebrar seu heroísmo e sua fé incomuns. Em princípios de 1617, por exemplo, numa expedição ao “Alto Paraná, o intrepido explorador sacro” deu eloquentes mostras de sua excepcionalidade. Enviado pelos superiores para explorar as ribanceiras do Paraná, em busca de bons sítios para novas fundações e para sondar a “indole e disposição” dos índios, penetrou numa região que europeu nenhum havia chegado e “os propriosneophytos tal medo tinham aos habitantes daquella região, que recusaram terminantemente” acompanhá-lo. Teschauer cria um clima de tensão e expectativa, que

acentua ainda mais os riscos da expedição, ao reproduzir supostos diálogos do padre com os “neophytos”:

Porque, diziam, com tanta pressa nos queres levar para o açougue? Aonde vaes com os olhos fechados? Sejam teus guias os que desejam ver-te morrer; pois nós, que te amamos, jamais tocamos nos remos nem te damos viveres em embarcações. É a perfídia dos pagés, a perversidade dos apostatas e o odioque os índios guardam aos europeus que nos impedem de acompanhar-te. Não se devem qualificar de desobedientes aquelles súbditos que, não obedecendo aos seus donos, teem em mira o bem destes (TESCHAUER, 1928, p. 37).

Padre Roque respondeu “que levaria a cabo seus intentos, sem temor da morte que lha era bemvinda por Christo”. A descrição que Teschauer faz da entrada heroica em terras tão perigosas é exemplar do apóstolo que enfrenta o perigo de peito aberto em nome de Cristo. No caminho do missionário os desafios se multiplicavam: soavam “alaridos bellicos” que aterrorizavam os companheiros de expedição; “grande tropel de índios chefiados por variostuxuvas; a passagem do rio tomada por chusmas de selvagens pintados e armados para a guerra e todo o arsenal de armas indígenas, brandidas por entre uivos de ameaça”, ao longo do rio “ondas de gentios procuravam pôr a pique ou destroçar-lhe a embarcação”; guerreiros armados e adornados com plumagens de avestruz pontilhavam os caminhos até as aldeias; índios apostatas hostilizavam e desdenhavam das palavras do padre, e um “morubixaba poderoso” chamado Tabacambi, disposto a não dar ouvidos ao padre, se erguia contra a evangelização. Mas o “varão apostólico”, munido de “santa intrepidez”, não sucumbiu às ameaças. Era ela quem animava a comitiva a seguir em frente dizendo: “Se Deus estiver connosco, quem será contra nós?” (TESCHAUER, 1928, p. 37-40).

O Padre Venerável e o “Pajé Soberbo e Sensual”!

Ñezú, o cacique e pajé guarani do Pirapó/Ijuí que tramou a morte do padre Roque, aparece na narrativa de Teschauer como um respeitado “tuxuva” que havia conquistado a posição de chefe supremo nos extensos bosques do Ijuí graças à “eloquencia nativa de que dispunha e a arte magica que exercia”. Era rodeado por “aduladores de diversas tribus, aos quaes exigia, em troca do alimento quotidiano, o venerassem como divindade”. Embora Roque tenha dobrado “Nheçum”¹⁰ e o sujeitado a “lei de Christo, ele não largava suas feitiçarias, nem despedia suas concubinas”. Mas o “pagé soberbo e sensual”, e de “duvidosa sinceridade”, não foi o autor da “conjunção”.

¹⁰Teschauer adotou a grafia Nheçum para melhor distinguir de outro chefe guarani chamado Nieza, confundido por alguns autores. Eu uso a grafia que aparece nas cartas dos padres Boroa, Romero, Vázquez Trujillo e Ferrfino.

Quem “urdiu a trama de maliciosa crueldade, foi um certo Potirava, índio fugitivo das reduções, que votava aos padres um odio figadal” (TESCHAUER, 1928, p. 73-77). Teschauer não conhecia a carta de Ferrufino ao rei de Espanha, que aponta Potirava como o autor da conjura. Sua fonte é o historiador inglês Robert Southey.¹¹

Admitindo a hipótese de Southey, Teschauer apresenta Potirava como um apostata astuto que, procurando um comparsa para “empresa infernal”, encontrou-o no soberbo “Nheçum”. Potirava, ao contrário do “vulgo nescio” que acreditava na divindade do “pagé, fingia acreditar-lhe”, e lhe atiçava o ânimo dizendo que “sujeitar-se a um sacerdote seria nelle aviltamento da sua soberania divina á condição de subdito e escravo”. Potiravateria também envenenado o espírito de “Nheçum” afirmando que os missionários retiravam suas mulheres para “as darem em matrimonio á gente vil, deixando-lhes para maior confusão tão somente a mais velha”. Estimuladas as “paixões, o pagé soberbo (...) determinou lavar no sangue dos missionarios o labéo de leviandades com que os tinha admitido” (TESCHAUER, 1928, p. 76).

No melhor estilo jesuítico, Teschauer cria um jogo de oposições entre Roque e Nheçum/Potirava por meio de adjetivos que definem o ser e o caráter das personagens. De um lado, o venerável, o intrépido, o glorioso; de outro, o apostata, o soberbo, o sensual, os malfetores, movidos por um “odio figadal” ao cristianismo. Contra esse “ódio”, o amor e a ternura de um coração que, mesmo depois do violento “martyrio”, “perdoou aos verdugos”. As palavras que saíram do coração de Roque, e ouvidas por “varias testemunhas, são dignas de discípulo de Christo” e revelam sentimentos próprios dos mártires, como “S. Estevão, que orara pelos perseguidores” (TESCHAUER, 1928, p. 87).

Alguns acontecimentos sobrenaturais ocorridos depois da morte de Roque são lembrados por Teschauer como sinais de sua santidade: o coração que sobreviveu ao fogo, as pústulas que apareceram nas mãos dos “assassinos” que tocaram no sangue do padre, e o curioso episódio envolvendo o cavalo do padre Roque. Um dos caciques “conjurados” teria levado o cavalo, mas o animal bastante abatido não pastava. Alguns índios que foram ver o cavalo disseram que estava triste pela morte do seu “amo”. Ao ouvir, no entanto, o nome do padre Roque o cavalo começou a relinchar tristemente, e assim o fazia sempre que ouvia o nome. Ninguém conseguia cavalgar o animal, até que um índio teve a ideia de vestir a “batina do mártir” e conseguiu montá-lo. Vendo que o animal não lhes serviria para nada naquele estado, o executaram a flechadas. O “lucto” do cavalo impressionou muito aos índios, e o cacique que o teve em seu poder converteu-se e passou a chamar-se Diogo de Tambabe. De perseguidor “que antes fora, veio a ser defensor acérrimo dos christãos e propagador zeloso da fé” (TESCHAUER, 1928, p. 88-94). O caso do cavalo não foi mencionado nem por Blanco nem por Jaeger.

O Epílogo da obra é um catálogo elogioso às virtudes de Roque. Os vinte anos “do seu lidar apostólico apresentam uma serie ininterrupta de fadigas e soffrimentos e um

¹¹Na minha tese de doutorado discuto a carta do padre Ferrufino e levanto algumas questões sobre o protagonismo de Potirava nos acontecimento que culminaram na morte de Roque González (OLIVEIRA, 2010).

exercício contínuo das mais abnegadas virtudes”. Fundou dez reduções, adaptadas “ao carácter e índole dos selvagens, no que foi imitado por seus sucessores”. Temperava o “rígido da autoridade com a condescendência de affável doçura, que a todos ganhava a afeição”. Enfrentava as dificuldades e suportava as fadigas “por amor a Christo” como se fosse de “ferro”. A “abstinência” impressionava, especialmente em relação ao “sono e alimento”. Quando foi superior das missões do Paraná e Uruguai, “governava mais pelo exemplo que com palavras”. Era “obedientíssimo, até quando com isso lhe perigasse a fama. Sempre era o mais que podia ser humilde e com ter feito tanto mostrava a grandeza de sua alma, evitando toda espécie de arrogância ou presunção”. Estimava o “martyr os padecimentos dessa vida, suportando-os com paciência e resignação!” Depois de elevar o herói à perfeição moral e a um patamar de virtudes além das limitações humanas, vem a conclusão: “Não é, pois, de admirar que tanta virtude, merecendo-lhe o prêmio celeste, grangeasse também a veneração dos coevos e o assombro dos posteror” (TESCHAUER, 1928, p. 111-112).

Teschauer compôs sua hagiografia com muitas limitações documentais, se comparado a Blanco e Jaeger. Não teve acesso, por exemplo, às cartas de Boroa, Ferrufino e Trujillo,¹² sobre a morte de Roque. Suas fontes principais foram as cartas anuais, os processos instaurados no século XVII, que leu na obra de Blanco, a “Conquista Espiritual” de Antonio Ruiz de Montoya, de 1641, e a obra de Nicolás delTecho, “Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús”. Apoiou-se também em historiadores como Southey, e nos historiadores jesuítas Lozano, Charlevoix e Guevara. Em relação às fontes, vale lembrar o inestimável auxílio que recebeu do também historiador jesuíta Pablo Hernandez. Em viagem a Buenos Aires em 1904, Hernandez, que juntava material para escrever “Organización social de las doctrinas Guaraníes”, disponibilizou-lhe um amplo repertório de fontes sobre as reduções jesuíticas que estavam em seu poder.

O Homem Providencial: Roque González por José María Blanco

“História Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan delCastillo”, publicada em 1929, foi uma obra escrita visando a beatificação de Roque González. José María Blanco, seu autor, teve intensa participação nos festejos do tricentenário do “martírio”, celebrado em 1928, às vésperas da beatificação, e o livro representa todo o seu enorme empenho em prol da causa. Rômulo Carbia, no prólogo, deixou clara essa intenção ao dizer que o livro foi:

Dirigido primordialmente a justificar la aspiración de las repúblicas del Plata, a que el Padre Roque González de Santa Cruz y sus compañeros martirizados por la Fe,

¹² Os padres Diego de Boroa, Juan Bautista Ferrufino e Vásquez Trujillo, que ocupavam cargos de destaque na Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguai, escreveram cartas/relatórios informando ao rei de Espanha e aos seus superiores na Europa informando as circunstâncias da morte do padre Roque e seus companheiros. As cartas foram publicadas por José María Blanco. Ver (BLANCO, 1929) e (OLIVEIRA, 2010).

asciendan a laglorificacióndel altar (...) (CARBIA, In: BLANCO, 1929, p. 8).

Carbia, todavia, acrescentou que Blanco não caiu nos exageros comuns das hagiografias, nos “desbordes de entusiasmo poco propicios a la serena contemplación de la verdad histórica”. E se a personagem central “emerge del conjunto, nimbada y en relieve, lohacedelfondomismo de ladocumentación, coordinada y discriminada con la fría imparcialidad del disector (CARBIA, In: BLANCO, 1929).

A obra é criteriosa e precisa com a vasta documentação reunida. Blanco seguiu a risca os documentos disponíveis e corrigiu alguns enganos sobre Roque González, cometidos pelos historiadores da Companhia que o precederam. Mas como todos os padres historiadores, Blanco excede nos arroubos poéticos e na heroificação de Roque. Na verdade, Blanco é o melhor exemplo do historiador científico, rigoroso com datas e documentos, e do hagiógrafo devoto, que celebra a todo instante as virtudes e o heroísmo do candidato a santo. Leitor atento dos seus pares, reconheceu que Teschauer realizou elmayoresfuerzo histórico que hasta ahora se há hecho acerca de la vida del mártir del Caaró (...). A obra, no entanto, foi prejudicada pela principal fonte que Teschauer utilizou, que foi a obra de Nicolás del Techo. Além disso, “no está documentada acerca de los grandes hechos que ilustran la verdad histórica del gran misionero (...)” (BLANCO, 1929, p. 14).

A volumosa “Historia Documentada” inicia com um arrazoado histórico da ocupação e conquista do Rio da Prata, com o propósito de fixar o cenário histórico no qual nasceu o herói. O capítulo seguinte, intitulado “De la cuna al altar”, anuncia as virtudes de Roque verificadas já na infância. Recorrendo aos testemunhos dos processos de Corrientes¹³, instaurados logo após a morte de Roque, Blanco apresenta o menino como “hijo legítimo de padres nobles” e que, desde muito cedo, “demonstrou menospreciodel mundo y aborrecimientodel pecado”. Na escola e nos estudos “siempre fué tenido por persona ejemplar y de singular virtud”. Era visto por todos como “santo y varón justo, y asimismo por virgen”.¹⁴ Baseado no depoimento do presbítero de Assunção, Blanco mencionou o retiro de Roque e seus amigos a quinze léguas da cidade, onde se expôs ao perigo, aos “leones, tigres y animales feroces de que en aquellas partes hay abundancia”. Tudo isso, sublinhou o hagiógrafo, testemunhado sob juramento por “compañeros de la infancia, discípulos en la escuela, y moradores de la misma calle, y

¹³ Os processos em prol da beatificação de Roque González e seus companheiros foram instaurados no começo de 1629 em Buenos Aires (1629), Corrientes (1630) e na redução de Candelaria del Caazapamini (1631). Foram ouvidas autoridades religiosas, militares, algumas pessoas que conheceram o padre Roque e alguns índios reduzidos em Candelária e Piratini, que presenciaram os acontecimentos. Os processos estão publicados na obra de José María Blanco. (BLANCO, 1929). Os originais encontram-se no Arquivo Nacional de Buenos Aires, identificados como Martirio de los padres Roque González, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo, 1630.

¹⁴ Blanco cita aqui textualmente o depoimento de Gabriel Insaurralde, Alferes Real de Assunção e amigo de infância de Roque. Em reforço ao testemunho de Insaurralde, Blanco cita o depoimento do presbítero dom Diego Gordon, que declarou que o menino Roque foi um “estudiante casto, recogido y honesto”, que se entregou à oração (BLANCO, 1929, p. 42).

muchos de ellos vengadores de sumuerte (...). Todos esses testemunhos “nos muestran la admiración que en todos causaba por florecer en una sociedad en la cual tanto contrastaba” (BLANCO, 1929, p. 35-51). Eis a excepcionalidade de Roque: um modelo de pureza e virtudes em meio a uma sociedade corrompida.

Blanco é o grande exemplo da fusão, no melhor estilo bollandista, do historiador com o hagiógrafo. Realizou com grande habilidade o cruzamento das duas áreas ao promover a glorificação do santo apoiado em ampla base documental. A concepção da obra, uma “historia documentada”, já indica o lugar da história na hagiografia. Toda a vida do padre Roque, do nascimento à morte, é narrada pelos documentos da época, citados abundantemente. Na verdade, a celebração das virtudes de Roque já está presente na documentação, tanto nas cartas anuais, escritas por ele ou por seus companheiros, quanto nos processos. Bastaria selecionar e transcrever os conteúdos desses documentos e a promoção do candidato a beato estaria pronta. Mas Blanco foi além. Com maestria, organizou os relatos dentro de uma estrutura narrativa – a divisão dos capítulos e os comentários do autor que ligam um relato ao outro – que evidencia o percurso do herói. Na documentação distingue-se a realização de uma predestinação.

Do menino casto ao sacerdote secular, a primeira escalada rumo ao altar. Provavelmente em 1599 Roque foi ordenado sacerdote. Blanco envolveu a cerimônia de ordenação num clima de expectativa geral:

La consagración sacerdotal del noble joven, indiscutiblemente admirado por sus virtudes, que se presentaba ante el altar ‘según pública voz y fama’ con la blanca azucena de la virginidad, estimado por subondad, y respectado por la pureza de la sangre noble que corría en sus venas, llenó de júbilo a la ciudad entera (...) (BLANCO, 1929, p. 54).

Roque não decepcionou as esperanças que todos depositavam nas suas virtudes, complementa Blanco. “Su alma de apóstol, que no buscaba en el sacerdocio medros temporales (...) resolvió consagrar todos sus esfuerzos al cultivo del alma indígena, tan necesitada de los bienes espirituales como desprovista de ellos”. O abandono das doutrinas e os males trazidos pela “encomienda”, segundo o historiador, empurraram os indígenas das regiões próximas de Assunção para uma condição miserável de servidão. Roque parecia ser o homem certo para resgatá-los da “servidumbre de los encomenderos” e da “gentilidad por carecer de doctrineros”. Reunia as virtudes necessárias para tão difícil tarefa: “sentía dentro del pecho ansias de renovación para su patria, desdénaba da idéia de lucro e depreciava as honras a que podia aspirar por sus vinculaciones sociales”. Além disso, havia “cobrado amor al alma india”, e falava sua língua como se a tivesse praticado desde o berço. Nas serras de “Mbaracayú”, onde estreou como apóstolo, “no encontró oposición en el corazón indígena”. Não ia até eles para pedir, “les iba a dar: y se les dió todo por completo”. Compadecido da “triste situación” em que se encontravam,

“aliviaba sus trabajos con los recursos de su caridad”. Conquistou assim o coração dos índios, que chegaram a amá-lo com a um pai (BLANCO, 1929, p. 58-59).

Por obediência ao seu superior hierárquico, teve que deixar a “sus amados índios” para dedicar-se ao “cultivo de los españoles” em Assunção. Como cura da catedral da cidade, nunca esqueceu “el objeto de sus predilecciones, porque su vocación desde sus primeros años, era eminentemente apostólica (...)”. Para escapar das honrarias que lhe aguardavam e para poder dedicar-se à sua vocação, procurou refúgio no colégio da Companhia de Jesus, uma ordem em que “expressamente se renuncia a las dignidades eclesiásticas” (BLANCO, 1929, pp. 62-63).

Costurando os desdobramentos históricos mais gerais com o percurso singular do herói, tarefa do historiador, Blanco mostrou os esforços e as negociações entre o procurador Diego de Torres e o padre Aquaviva para a criação da Província Jesuítica do Paraguai. Fixado o cenário histórico, entra em cena o hagiógrafo para revelar o dedo de deus na história:

Cuandola provincia del Paraguay estaba en sus laboriosos comienzos, quiso el Señor enriquecerla con un varón apostólico, adaptado ya al ambiente de la vida sacrificada de las selvas, profundo conocedor de la psicología india, poseedor de todos los resortes de la lengua guaraní, de gran ascendiente por las vinculaciones de su familia entre los españoles, y de tan relevantes prendas entre el clero de aquella época en la Asunción (...) (BLANCO, 1929, p. 64).

O “varón apostólico”, filho da nobreza local, dedicaria a partir de então sua vida à salvação dos índios. E o faria com o “heroísmo de sus virtudes”, isto é, “con la santa intrepidez con que desafia los peligros y la muerte, cuando se pone de por medio la obediencia o la gloria divina”. Antes de descrever a epopeia apostólica, Blanco desfia um rosário das virtudes do herói:

Rudo para los trabajos, incansable para la fatiga, intrépido para las dificultades, generoso para dar la vida en tantos peligros arrostrados por Cristo, se yergue la figura del Padre Roque González serena y conquistadora, que fue menester derribar de un golpe de itaipú, para atajarle los pasos de sus conquistas”. Com sua fe inquebrantável, corria desalado a abri-los a los infieles las puertas del paraíso (BLANCO, 1929, p. 75).

Se o trabalho realizado entre os índios das serras de “Mbaracayú” foi a iniciação como apóstolo, a prova de fogo viria com a missão aos guaicuru. Enquanto Roque fazia

o noviciado no colégio da Companhia de Jesus, o padre provincial Diego de Torres preocupava-se com a evangelização de uma “tribu bárbara y guerrera que tenía de continuo ensobresalto a los moradores de la Asunción”. A simples menção do nome guaicura era suficiente para provocar o “pânico” entre os espanhóis. Para pacificar esses “índios nómades”, Diego de Torres designou os padres Roque e Vicente Grifi. A missão, que começou com “tantos sacrificios”, foi levada por Roque com “prósperos sucesos”. O conhecido ânimo belicoso dos guaicura foi aplacado e a “antigua fiereza con los españoles” foi abrandada, a ponto de tratá-los como amigos. Conquistas como essas não se fizeram sem grandes esforços. Padre Roque era incansável nas atividades. “Además de sus continuas peregrinaciones a la Asunción, era menester que se multiplicase, haciendo de médico, agricultor, catequista e intermediário de paz entre los indios” (BLANCO, 1929, pp. 92-93).

Em meados de 1611, quando da vinda do visitador Alfaro, Padre Roque foi chamado para substituir Marciel de Lorenzana na redução de “San Ignacio Guazú”, fundada em 1609, há 225 km de Assunção. Terminava assim a difícil missão entre os guaicura e começava uma nova empreitada apostólica nas ribanceiras do Paraná, povoadas por grupos indígenas em constante sublevação, “encuyasujeción habíayafracasado varias veces Hernandarias”. A estreia em “San Ignacio” foi difícil, pois um surto de varíola atacou a redução. Com a doença, sobreveio a fome. Padre Roque se desdobra, se multiplica, e atua como “médico del alma y del cuerpo”. Vencida a duríssima batalha contra a doença e a fome, as coisas começaram a melhorar. Revelou-se então o “genio organizador del misionero y civilizador de los guaraníes”. San Ignacio tornou-se o modelo das reduções, “el tipo de todas cuantas después se planearan”. Roque “conocía el alma del indio y sentía sus necesidades. Rudos y salvajes en medio de las penurias de las selvas, se abrían como flores mañaneras a todas las delicadezas de la cultura (...)”. Realçavam-se as “actividades de artista, de maestro, de asceta, de catequista y de apóstol” de Roque (BLANCO, 1929, p. 106).

Nas suas missões evangelizadoras pelo Paraná, festeja Blanco, enfrentou a ira dos pajés, a insolência dos caciques e toda sorte de perigos, com “alma del apóstol. E não se contentava com los copiosos frutos que cosecha en el recinto de su pueblo. El Paraná de orillas recamadas de pueblos bárbaros, le seducía como seduce el oriente al buscador de perlas”. Roque estava sempre pronto a “lanzarse a la conquista de lo inexplorado”. Não temia a morte, porque a considerava uma “gloria”, não temia os trabalhos, porque acalentava o *amor*; não temia as dificuldades, porque confiava na “amorosa providencia divina” (BLANCO, 1929, p. 113).

Com o mesmo destemor, continua o devoto hagiógrafo, Roque interveio em defesa dos índios e da Companhia, enfrentando os interesses dos “encomenderos”. Numa carta ao irmão, o “Teniente General de Asunción”, que atribuía aos jesuítas a resistência dos índios para irem ao trabalho a que estavam obrigados, Roque defendeu valentemente os índios e demonstrou grande conhecimento das disposições reais. Os argumentos que usou “muestran la profunda convicción del valiente misionero, acerca de la justicia que asistía a los indios, y de las energías con que estaba dispuesto a luchar contra

cuantospretendieran cerrar lapuertadelevangelioconlas sombras de laesclavitud” (BLANCO, 1929, p. 116). Blanco não poupa elogios à dedicação de Roque à defesa dos indígenas. Na mão inversa em que sublinha a coragem e o heroísmo do missionário, reforça os estereótipos coloniais sobre a passividade e a dependência dos indígenas em relação aos jesuítas.

Na trilha das cartas anuais Blanco segue descrevendo passo a passo as atividades e as fundações de Roque na região banhada pelos rios Paraná e Uruguai. Nada escapa ao seu rigor cronológico e detalhista. No fechamento da obra, antes da apresentação do anexo documental, o hagiógrafo fez um balanço da vida do herói. A popularidade de que gozava chegou ao “apogeoconlos gloriosos sucesos de sumuerte (...)”:

Hijo de padres nobles, emparentado conel tres veces Gobernador del Paraguay, Hernando Arias de Saavedra; hermano de Francisco González de Santa Cruz, varias veces Teniente de Gobernador de la Asunción; hombre de alta significación entre el clero secular, que para huirlas honras curiales se despidió del mundo y entro en la Compañía de Jesús, fué derramando un torrente de luz con lashazañas legendarias que trazaron la trayectoria de sus conquistas espirituales. (BLANCO, 1929, p. 233)

A cidade de Assunção “le debíala paz, por la evangelización del Chaco que convertió en mansos aliados a los belicosos guaycurúes (...)”. Suas excursões no Alto Paraná tiveram enorme ressonância em Assunção, “ya que había sido em primer blanco que se atreviera a surcar en medio de tantos peligros las altas aguas del caudaloso río”. Suas conquistas na região banhada pelo rio Uruguai haviam levado sua fama até Buenos Aires. Roque abriu as portas do Uruguai, que até então estavam fechadas para os espanhóis. Sua entrada triunfal em Buenos Aires, “que contempló con asombro a aquel hombre de fibra sobrehumana, llevando domesticados a aquellos indios que hasta entonces eran tenidos por irreconciliables enemigos, le grangeó el universal aprecio y admiración”. Não é pois de estranhar que “en todos los círculos sociales se comentaran sus virtudes y conquistas de apóstol (...)”. Por isso ao saberem de “su gloriosa muerte, nadie dudó de su causa y teniendo presente lo imaculado y heroico de su vida, lo juzgaron digno homanejes más que humanos o puramente civiles” (BLANCO, 1929, pp. 233-234). Além de missionário destemido e incansável defensor dos indígenas, o padre Roque construído por Blanco é também um verdadeiro herói civilizador. Em nome da fé, como manda a tradição hagiográfica, penetrou em territórios até então hostis aos espanhóis, transformou índios guerreiros em “mansos aliados” e pavimentou o caminho para a “gloriosa morte”. Além de narrar a vida e a obra do padre Roque seguindo o modelo heroico e edificante da historiografia jesuíta, caracterizada pelo discurso apologético em relação aos seus pares que atuaram nas missões da América colonial, não custa lembrar

que José María Blanco envolveu-se pessoalmente na causa em prol da beatificação do padre roque. “História Documentada” foi escrita visando à beatificação.

Roque González, o “mártir”rio-grandense, segundo Luiz Gonzaga Jaeger

Em 1928, o ano prodigioso, o IHGRS lançou a terceira edição de “Vida e Obras do Padre Roque González de Santa Cruz S.J”, de Carlos Teschauer. A reedição era comemorativa do tricentenário do “mártirio”. Na apresentação da obra ao público, uma explicação do porque da reedição:

O Instituto, porém, reestampando-o, quer contribuir com a sua homenagem à memória do grande apóstolo, fazendo uma larga tiragem de modo que o precioso livro possa penetrar no seio da família rio-grandense e tornar conhecida e venerada a memória santa de Roque González de Santa Cruz, o fundador dessa brilhante civilização de que são ainda nos dias que correm um eloqüente atestado as ruínas dos Sete Povos das Missões Orientaes (TESCHAUER, 1928).

O IHGRS, ou o grupo platino do Instituto Histórico, do qual Jaeger e Teschauer faziam parte¹⁵, entrava na campanha em prol da beatificação do padre Roque. O santo era paraguaio, mas o seu sangue “regou e fecundou a civilização rio-grandense”. A beatificação do “fundador”deveria encher de orgulho pátrio os rio-grandenses. Estamos diante do mito de origem do Rio Grande do Sul, segundo certa vertente historiográfica. Carlos Teschauer já havia identificado as origens do Rio Grande do Sul nas fundações que Roque González estabeleceu nas margens orientais do Uruguai. Roque foi o primeiro a explorar e descrever o território. O relatório que enviou ao padre Durán, depois de retornar da expedição ao Tape, é visto como “a mais antiga descrição do Rio Grande do Sul”.(TESCHAUER, 1928, p. 71) Esse ufanismo rio-grandense é uma particularidade/originalidade das hagiografias do padre Roque escritas por Teschauer e Gonzaga Jaeger. Matizadas por esse ufanismo as hagiografias atribuem ao santo o título de fundador e herói civilizador que, além de espalhar as sementes do cristianismo entre os “selvagens”, regou com o seu sangue a terra onde germinou a civilização riograndense. Misturam-se aqui o jesuíta, universal nas suas aspirações, e o historiador patriota, apegado ao seu torrão riograndense. O diálogo entre o universal e o local resulta da combinação

¹⁵ Ver o estudo de Ieda Gutfreind sobre a historiografia sul-riograndense, entre 1924 e 1973 (GUTFREIND, 1989). O grupo, ou a matriz platina, ao contrário da matriz lusitana, segundo Ieda, sustentava a presença espanhola na origem e na formação do Rio Grande do Sul. Jaeger e Teschauer, identificados com o grupo platino, viram nos trabalhos apostólicos do padre Roque na margem oriental do rio Uruguai as origens do Rio Grande do Sul.

de duas concepções de história – da Companhia de Jesus e do IHGRS – que se entrelaçam em torno da figura de um santo que, ao mesmo tempo em que é uma entidade universal, a devoção popular que dá sentido a sua santidade é estritamente local.

Seguindo na trilha aberta por Teschauer, que associando a trajetória de Roque González com a fundação da “civilização rio-grandense”, Luiz Gonzaga Jaeger publicou em 1940 “Os Heróis do Caaró e Pirapó”. A data marcou o quarto centenário de fundação da Companhia de Jesus. A abertura do livro traz uma dedicatória, na forma de uma “gratidão filial”, à Companhia, “por ocasião do quarto centenário”. Em 1934 Roque fora beatificado, e um ano antes, o próprio Gonzaga Jaeger identificou o suposto lugar onde os três missionários foram “martirizados”. 1940 foi, portanto, uma data comemorativa que reuniu, para os jesuítas da América do Sul, um conjunto de significados. Roque e os companheiros, nas proximidades do quarto centenário da Companhia, foram os primeiros “mártires” latino-americanos a serem oficialmente reconhecidos. E o historiador, que homenageia a “querida mãe”, aproveita a solene oportunidade de “desdobrar perante os olhos do leitor os admiráveis exemplos de virtude desses campeões da fé (...)”. Num misto da modéstia protocolar jesuítica com a presunção da exatidão histórica, oferece duas garantias:

Se a obra que ora ofereço ao leitor carece das qualidades quem em biografias similares se requerem, duas pelo menos julgamos poder afiançar que a distinguem: a de ser completa quanto à cópia de documentos até hoje descobertos e a de ser exata na exibição dos fatos históricos.(JAEGER, 1940, p. 8).

De fato padre Jaeger teve à sua disposição um conjunto de fontes não disponível no tempo em que Teschauer escreveu a primeira hagiografia do padre Roque. Muitos documentos foram encontrados e publicados posteriormente pelos historiadores José María Blanco, Antonio Astrain e Pablo Hernández. Jaeger teve acesso também ao *Positio* do padre Roque.¹⁶ De posse desse imenso conjunto documental foi possível traçar a biografia/hagiografia do padre Roque seguindo ano a ano os feitos mais significativos de sua vida. Cada capítulo remete a um período da vida, devidamente datado e localizado, como por exemplo, o capítulo “Subindo o Monte Santo. Assunção, 1590-1599 ou Entre Aflições e Consolações, Conceição, 1620-1622”.

A “Fidalga Flor” de Assunção

Seguindo os modelos de Teschauer e Blanco, Gonzaga Jaeger inicia com os antecedentes históricos que, desde a descoberta do Rio da Prata, culminaram no que ele chama de “A Pátria de Roque González”, isto é, o Paraguai do final do século XVI. O

¹⁶*Positio* é um compêndio organizado por uma Comissão que investiga a vida do candidato a santo. O documento deve ser enviado à Congregação para a Causa dos Santos, no Vaticano. No compêndio deve constar uma biografia documentada e um registro das virtudes do candidato.

historiador, baseado nas obras de José María Blanco e Vicente Ganbón, perfila os sucessivos governos espanhóis que se estabeleceram em Assunção. A narrativa toda é construída para demonstrar que nas últimas décadas do século XVI o Paraguai encontrava-se em “deplorável estado de dissolução moral”. Desde 1753, com a partida de dom frei Pedro de la Torre, “a vida religiosa não só da capital, mas ainda de todo o Paraguai, atravessava terrível crise religiosa. Todos os vícios encontravam o mais apropriado viveiro naquela sociedade de conquistadores”. Além disso, “acrescia a incessante ameaça externa por parte do indígena justamente rancoroso, agravando-se tal a situação por causa da falta quase absoluta de religião”. O Paraguai era uma versão americana e colonial de “Sodoma e Gomorra, modelos típicos de perdição”. Mas se nas duas cidades “foram achados quatros justos”, pergunta Jaeger, “teria a Divina Providência negado essa dádiva à novel cidade americana de Assunção?”. Seria a “Divina Providência surda aos gritos de angústia e socorro que brotam dos peitos dos paraguaio?” A estratégia de Jaeger é a mesma de Blanco: situar o nascimento providencial de Roque González em meio à dissolução moral e religiosa do Paraguai. Jaeger emprega uma metáfora botânica muito semelhante a que Blanco usou para mostrar o “extraordinário” nascimento em lugar tão improvável. A metáfora inicia o segundo capítulo como uma resposta à pergunta que encerra o primeiro:

Entre as incontáveis maravilhas da flora brasileira, há uma que tem conquistado, irretorquivelmente, a primazia pela sua peregrina formosura e suas gigantescas dimensões: a nossa afamada vitória-régia. O mais extraordinário, porém, nessa ninfeácea, encanto dos nossos olhos e deleite do nosso olfato, é a circunstância de ela medrar em águas estagnadas e corrompidas, em cujo lodo firma as raízes que alimentam e desenvolvem a planta (JAEGER, 1940, p. 26).

A analogia com o Paraguai é evidente. Na “sociedade pútrida do Paraguai nasceu vicejante nenúfar, fidalga flor” que espalhou seu aroma e “perfumou” o mundo a sua volta. Seguindo o roteiro hagiográfico, Jaeger sublinha a “nobreza de sangue” e a “robustez da fé católica” da família González de Santa Cruz, família que se destacou pelo “lustre dos cargos públicos” e que “foi realmente abençoada por Deus”, que a “agraciou com ilustre plêiade de filhos, cada qual mais ilustre” (JAEGER, 1940, p. 26-27). Estamos diante de uma concepção de história que não trata do ordinário. Jaeger é tributário da visão de história do IHGB/RS, instituição de pesquisa que atribuía à história uma função pedagógica, orientada para o estímulo ao patriotismo, baseada no modelo dos antepassados. Cultuava-se no IHGB um conceito de história como mestra da vida. Por isso a dedicação às biografias de vultos do passado tidos como exemplares (IGLÉSIAS, 2000, p. 61). O nascimento de Roque González, em berço nobre de ilustre família de Assunção, destacado pelos três hagiógrafos tem ainda outra explicação. Para evidenciar a

origem divina que esta por trás das ações do herói, as hagiografias, frequentemente, lhe atribuem uma origem nobre.

Roque nasceu “predestinado pela providência para mimoso de Deus e dos homens”. Para ressaltar ainda mais a predestinação, Jaeger estreita a relação entre o nascimento e a crise religiosa no Paraguai: “a meninice de Roque, pois, coincide com a crise religiosa e moral mais aguda daquela terra” (JAEGER, 1940, p. 27-28). A relação entrenascimento e crise gera, naturalmente, uma expectativa. O nascimento de um menino predestinado é uma resposta, aos “gritos de angústia e socorro”, para conjurar a crise moral e livrar o Paraguai de um perigo externo, a ameaça indígena. A narrativa de Jaeger revela um bem elaborado “processo de heroificação”, que “implica (...) certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história” (GIRARDET, 1987, P. 82).

Nas narrativas hagiográficas, todo herói, todo homem predestinado, tem uma infância diferente que o singulariza. Roque preferia as preces aos brinquedos. Escondia-se muitas vezes atrás de paredes e arbustos, onde, ajoelhado, falava intimamente com Deus. Mesmo a desaprovação dos outros meninos “travessos e levianos”, que “atiravam-lhe pedrinhas e torrõezinhos”, não o incomodava. Suportava “aquela falta de caridade com admirável paciência”. Na escola, segundo depoimento de um amigo de infância, ele mostrou o “que havia de ser na idade madura: sempre se afastava dos jogos, recreios e quaisquer travessuras que semelhante idade costuma praticar, recolhendo-se amiudepara se encomendar a Nosso Senhor (...)”. Jaeger cita diversas testemunhas que depuseram no processo de Buenos Aires, instaurado em 1929, sobre a infância de Roque. Os depoimentos de Gabriel de Insaurrealde, Alonso Cano, Garcia de Céspedes e do capitão Mansilla, que o conheceram desde criança, atestam a precocidade das virtudes, a castidade e a fama de santo que Roque sempre teve (JAEGER, 1940, p. 29-31).

O retiro no “deserto”

O mais famoso dos episódios da “meninice” de Roque foi o abandono da cidade para se refugiar nas florestas nos arredores de Assunção. Sabemos pelo testemunho do Alferes real de Corrientes e amigo de infância de Roque, Gabriel de Insaurrealde, que antes de ingressar na vida religiosa, lia “vidas de santos” e persuadia seus amigos, como o próprio Insaurrealde, para “irse juntamente a los montes e despoblados a hacer penitencia, leyéndoles vidas de santos que asilo habían hecho em El Yermo”.¹⁷ É possível que os retiros de Roque no ermo das florestas e a vida casta que levou tenham sido influenciadas pelas leituras das vidas dos santos, os heróis dominantes daquela época, e pelo desejo de imitá-los. Pelos depoimentos das testemunhas que o conheceram, fica a impressão de que Roque perseguia um ideal de vida e conduta moral característica dos santos.

As florestas próximas de Assunção nas quais o menino Roque procurava refúgio foram chamadas pelos testemunhos e hagiógrafos de “deserto” ou “sertão”. Nos

¹⁷O testemunho de Gabriel de Insaurrealde, e de outros amigos de infância de Roque mencionados anteriormente, constam no Processo de Corrientes (BLANCO, 1929, p. 391).

processos de Buenos Aires e Corrientes a maioria das testemunhas se referiu as essas florestas como “desertos”.¹⁸ A explicação é simples. As testemunhas arroladas nesses processos eram autoridades militares e religiosas católicas que, pela função que desempenhavam, deveriam ser conhecedoras do que deveriam dizer em um processo que visava a santificação de um “mártir”. Nada mais apropriado do que associar as florestas aos “desertos” onde os santos católicos buscavam encontrar-se consigo mesmos e com deus. Apoiado nesses testemunhos Jaeger descreveu o “episódio curioso” como manifestação do desejo ardente do menino de consagrar sua vida à oração, longe “dos perigos do pecado e das distrações mundanas”:

Contando doze para catorze anos de idade (...) resolveu abandonar secretamente a cidade, em companhia de Gabriel Insaurralde e outros meninos da mesma idade, fugindo com eles para a floresta, e levando como única matalotagem o “Flos Sanctorum” para alimento espiritual das suas almas (BLANCO, 1929, pp. 32-33).

O refúgio na floresta, segundo Jaeger para “fazer penitência no sertão”, foi visto como representativo do “alto grau de perfeição moral que Roque havia atingido”. E o fato de ter convencido os amigos a irem junto revela um particularíssimo “dom: o de saber subjugar os homens com sua palavra inflada e o seu olhar irresistível”. O **olhar** e a **palavra** foram também as “armas” usadas pelo missionário para desarmar “hordas inteiras de selvagens enfurecidos”. Tão conhecidas se tornaram essas qualidades que um dos missionários ao saber da morte perguntou se padre Roque não teve chance de olhar para os “verdugos” ou dirigir-lhes a palavra, pois se o tivesse feito não se atreveriam a tocá-lo.

A imagem do deserto é recorrente nas narrativas jesuíticas. Nas primeiras cartas anuais ele é mencionado com frequência para descrever a solidão, as dificuldades da conversão, a distância da civilização, enfim, o estado de espírito dos missionários. O “deserto” paraguaio é, antes de tudo, um lugar simbólico e não uma realidade geográfica. Ao denominar as florestas do Paraguai de “desertos” busca-se uma aproximação/identificação da espiritualidade do menino Roque com a tradição dos monges do deserto. A busca por um refúgio onde pudesse se ausentar da cidade e buscar uma aproximação com Deus era, segundo a tradição cristã, um sinal de renúncia e santidade. A vida de Roque, após as “penitências no sertão”, apenas confirmou o que cedo se manifestou. Da infância pura veio uma adolescência casta. Emulando “com o seu grande contemporâneo São Luiz Gonzaga, conservou intemerato o lírio cândido da virgindade e da pureza até a morte”. Os “pais excelentes” receberam e encaminharam “o

¹⁸ No depoimento do padre Diego Gordon lê-se que Roque “salió secretamente de casa de sus padres y se fué a el desierto, quince léguas y más apartado de la ciudad de la Asunción”. No depoimento do Luis de Bolaños lemos que Roque “persuadió a dos muchachos amigos suyos a que se fuesen al desierto (...)”. O mesmo aparece em outros depoimentos (BLANCO, 1929, p. 370 e 373) Grifos meus.

menino com que Deus os regalara (...) pela senda do santo dever. Nosso Senhor”, arremata Jaeger quase em tom de oração, “predestinara Roque para si, a fim de exaltá-lo entre os contemporâneos e pósteros como luzeiro e guia no escabroso e difícil caminho da salvação” (JAEGER, 1940, p. 33-34).

“O campo preferido por sua ilimitada caridade ...”

O interesse de Roque pelos índios manifestou-se, segundo Jaeger, muito cedo. O domínio perfeito do idioma guarani, “como se fora sua língua natural”, era decorrente de um convívio com “àqueles pobrezinhos” desde a infância. O menino teria se apiedado dos padecimentos e das míseras condições sociais em que viviam e dedicou-lhes seu “inflamado zelo”, dando-lhes a conhecer a Deus apontando-lhes “o caminho da salvação”. E não lhe faltavam atributos para essa missão, pois além da “compaixão” Roque conhecia como ninguém a “psicologia característica do ameríndio, chegando a conhecer-lhe perfeitamente as necessidades e aspirações, as alegrias e os pesares (...)” (JAEGER, 1940, p. 35-36). Padre Jaeger explora com maestria a tão celebrada vocação natural que Roque tinha para o trato com os índios e a amarra com dois “flagelos” daqueles tempos: o abandono espiritual em que se encontravam os espanhóis do Paraguai e o pesadelo da “encomienda” que desabara sobre os “desafortunados silvícolas”. Roque viria ao mundo como uma resposta da “Providência” a essas desditas. Assim que foi ordenado sacerdote, aos 23 anos de idade, fez sua “estréia no apostolado”. Para o “pasma geral deu de mão ao carinho dos seus e às comodidades da Capital, para viver nas brenhas entre seus infelizes irmãos, sem remuneração de espécie alguma, levado unicamente por seu abrasado amor a Deus e aos homens”. Roque, “o fidalgo, o delicado filho da cidade (...), ia para o mato, em busca dos selvagens, ia viver no meio deles, compartilhar a sua extrema pobreza e miséria”. E o “campo preferido para sua ilimitada caridade” foram as serras do “Maracaiú”, situadas no nordeste do Paraguai e cobertas de “riquíssimos ervais”, onde os indígenas padeciam nas mãos dos “terríveis encomenderos”. Jaeger pinta um quadro desolador dessa região e cita uma passagem de Montoya que revela o lado assombroso da “encomenda”.¹⁹ Mas o missionário fidalgo não vinha para “receber, e sim para dar, não para ralar e castigar, (...) mas para lhes aliviar a sorte e lhes enxugar com ternura paternal as amargas lágrimas, dizendo-lhes palavras suaves e amorosas na sua maviosa língua materna (...)” (JAEGER, 1940, p. 49-50).

Depois de um ano entre os índios de “Maracaiú” Roque foi chamado a Assunção. “Entre muitas lágrimas e saudades dos pobres índios partiu”. Voltou, “embora lhe sangrasse o coração”, em sinal de obediência ao seu superior hierárquico. A cidade carecia de uma “real necessidade espiritual que demandava (...) um pároco zeloso, prudente e desinteressado”. Como pároco de Assunção, função que exerceu por aproximadamente nove anos, deixou marca indelével. Conseguiu fazer com que “aquele povo, tão submerso nas coisas terrenas, começasse a servir a Deus com diligência e generosidade. Roque era geralmente amado e respeitado por todos, em virtude da vida

¹⁹Montoya visitou a região em 1612 ou 1613 (JAEGER, 1940, p. 48).

impoluta e santa, cuja fama corria por todo o país”. E quando um honroso título de provedor e vigário mor de toda a diocese lhe foi oferecido, declinou humildemente declarando-se indigno de tão elevada autoridade. A fim de fugir das “insistências e importunações” para que reconsiderasse a oferta, decidiu recolher-se ao colégio da Companhia de Jesus para reencontrar “novamente o sossego da alma”. Jaeger viu na decisão de Roque a “resolução de servir a Deus como soldado raso em alguma Ordem onde não tivesse que aceitar prelazias eclesiásticas”. Gesto inequívoco de humildade e recusa das honrarias da vida eclesiástica. Como simples “soldado” de uma “Ordem” o “jovem missionário” poderia prosseguir seu “apostolado nas florestas”, na “porção da vinha” de Deus para a qual fora destinado. A escolha da ordem dos jesuítas se deveu, segundo Jaeger, a duas razões determinantes: a de a Companhia não aceitar prelatura eclesiástica, a não ser por determinação papal, e pelos jesuítas dedicarem o “melhor de suas energias aos pobres índios” (JAEGER, 1940, p. 56-61).

Aos seis meses de noviciado Roque foi colocado à prova numa difícilíssima missão: pacificar os guaicuru que há sessenta anos aterrorizavam Assunção. A “estréia espinhosa” não rendeu os frutos esperados, “por causa da inata veleidade e da insuperável inconstância dos silvícolas”. Concluído o noviciado e admitido definitivamente na Companhia, mediante os votos de “perpétua pobreza, castidade e obediência”, Roque foi lançado em outra perigosa missão. O destino agora eram as comarcas do rio Paraná habitadas pelos ferozes “paraná”, que repetidas vezes se ergueram contra Assunção (JAEGER, 1940, p. 65-84). Daqui para frente Jaeger segue os passos de Blanco. Por vezes, simplesmente traduz trechos e expressões empregadas pelo historiador argentino, sem se preocupar em citar a fonte. O que diferencia uma hagiografia da outra é o acentuado ufanismo de Jaeger. Na obra de Blanco, Roque é um herói Rio-platense. Na obra de Jaeger, um herói rio-grandense. A impressão que fica, após a leitura da obra, é que tudo se encaminha e converge para a entrada de Roque no Uruguai, a exploração do solo rio-grandense e o “martírio” em Caaró, no Rio Grande do Sul.

Considerações Finais

Nas três hagiografias examinadas os autores projetam para o passado os episódios finais da vida de Roque González. O martírio e a santidade são os fios que constroem os sentidos do passado. Os hagiógrafos buscam na infância, na juventude e nos trabalhos apostólicos os sinais inequívocos de uma verdadeira “alma de eleição”, do “mimoso de Deus”. Michel de Certeau deixou uma bela e inspirada reflexão sobre a relação entre a vida adulta e a infância dos santos nos relatos hagiográficos. A “hagiografia postula que tudo é dado no início como uma vocação, como uma eleição”. A história é, então, a epifania progressiva deste dado”. Nas narrativas o “fim repete o começo. Do santo adulto remonta-se à infância na qual já se reconhece a efígie póstuma. O santo é aquele que não perde nada do que recebeu.” Os relatos dos triunfos dos santos dividem suas vidas em “um tempo de provações” e “um tempo de glorificações” (CERTEAU, 1982, p. 273). Padre Roque, segundo seus hagiógrafos, nasceu predestinado

e os sinais já eram evidentes na infância. A vida adulta, “epifania progressiva” da graça que recebeu ao nascer, apenas confirmou o que já se sabia.

A vida, a obra e a morte de Roque González são um verdadeiro banquete para o hagiógrafo, pois reúnem todos os elementos essenciais a uma boa narrativa hagiográfica. Da infância sem máculas à morte gloriosa, do menino “eremita” que lia *oflossanctorum* “deserto” ao “apóstolo” dos índios que desarmava “selvagens” com a palavra e o olhar, e os ganhava para Deus, a vida de Roque parece seguir um modelo hagiográfico.

Referências Bibliográficas

- ALVAR, Manuel. *Gonzalo de Berceo como hagiógrafo*. Disponível em www.vallenajerilla.com/berceointernet/.
- ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vidas e obras dos Padres da Igreja*. São Paulo: Edições Paulina, 1972.
- Autobiografia de Inácio de Loyola*. São Paulo: Edições Loyola, 1978.
- BAÑOS VALLEJO, Fernando. *Lo sobrenatural en la vida de Santo Domingo*. Biblioteca Gonzalo de Berceo”. Disponível em www.vallenajerilla.com/berceointernet/.
- BLANCO, José Maria. *História documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan Del Castillo de la Compañía de Jesús Mártires del Caaró e Yjubí*. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929. 743 p.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 345 p.
- DELEHAYE, Hippolyte S.J. *The legends of the saints*. New York: Fordham University Press, 1962.
- EGIDO, Teófanos. *Hagiografía y estereotipos de santidad contrarreformista (la manipulación de san Juan de la Cruz)*. Cuadernos de Historia Moderna. N. 25. Madrid: Universidad Complutense, 2000. p. 61-85.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 201 p.
- GUTFREIND, Ieda. *A construção de uma identidade: a historiografia sul-riograndense entre 1924 e 1973*. São Paulo: USP, 1989.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, IPEA, 2000. 251 p.
- IHU online. Ano 2, n, 16. 06 de maio de 2002.
- JACOPO DE VARAZZE. *Legenda áurea. Vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 1080 p.
- JAEGER, Luiz Gonzaga. *Os heróis do Caaró e Pirapó*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940. 365 p.
- MALDONADO, Pedro Castillo. *De la crónica a la leyenda. El pasionario hispánico*. In: Contemporaneidad de los clásicos en el umbral del tercer milenio: actas del congreso internacional de los clásicos. La tradición grecolatina ante el siglo XXI (La Habana, 1 a 5 de diciembre de 1998) / coord. por María Consuelo Álvarez Morán, Rosa María Iglesias Montiel, 1999, ISBN 84-8371-120-6.

- MENÉNDEZ PELAEZ, Jesús. *La tradición mariológica en Berceo*. Actas de las III Jornadas de Estudios Berceanos. Instituto De Estudios Riojanos. Logroño, 1981.
- OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de. *O encontro entre os entre os guarani e os jesuítas na Província Jesuítica do Paraguai e o glorioso martírio de Roque González nas Tierras de Ñezú*. Porto Alegre: Tese de Doutorado. PPG da UFRGS, 2010. 513 p.
- _____. *A rebelião de Ñezú*: em defesa de “suantiguo modo de vida” (Pirapó, Província Jesuítica do Paraguai, 1628). Porto Alegre: UFRGS, Revista anos 90, v. 18, n. 34, 2011.
- RABUSKE, Arthur. Entrevista. In: IHU online. Ano 2, n, 16. 06 de maio de 2002.
- RUFFINATTO, Aldo. *Hacia una teoria semiologicadel relato hagiografico*. In: Biblioteca Gonzalo de Berceo. Disponível em bibliotecagonzalodeberceo.blogspot.com/.
- SAUGNIEUX, Joel. *Culture Populaire et culturesavantedansl'ouvre de Berceo*. Disponível em www.vallenajerilla.com/berceointernet/.
- SOUZA, Néri de Almeida. *Palavra de púlpito e erudição no século XIII. A Legenda aurea de Jacopo de Varazze*. São Paulo: Revista Brasileira de História. vol. 22. n. 43. 2002. P. 67-84.
- TESCHAUER, Carlos. *Vida e obra do Padre Roque González de Santa Cruz S.J: primeiro apóstolo do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Topographia do Centro, 1928. 136 p.
- WOODWARD, Kenneth. *Fábrica de Santos*. São Paulo: Editora Siciliano, 1990. 432 p.